

***Deserdados, Romance Da Amazônia: Natureza Hostil e Humanos  
 Decaídos no “Inferno Verde”***

***Deserdados, romance da Amazônia: hostile nature and fallen humans in  
 the “green hell”***

Francisco Bento da Silva\*<sup>1</sup>

\*Universidade Federal do Acre, UFAC, Rio Branco - AC, 69920-900,  
 e-mail: francisco.bento@ufac.br

**Resumo:** O livro *Deserdados: romance da Amazônia*, lançado em 1921 pelo escritor Carlos de Vasconcellos, narra a chegada de um migrante cearense para trabalhar nos seringais do então Território Federal do Acre, na Amazônia. As imagens apresentadas pelo autor são de uma descida ao inferno na floresta permeada por animais perigosos, índios hostis, rios povoados de feras. Os imigrantes chegam decaídos pela fome e em busca de sobrevivência nesse ambiente maléfico. Os homens são narrados como deserdados de Deus e encalacrados no “inferno verde” amazônico pela secas dos “sertões” do Nordeste brasileiro. Propomo-nos aqui dialogar com esse olhar de tradição *euclidiana* do autor em sua obra, onde o foco da discussão será em torno das construções discursivas que na trama apresentam a Amazônia acreana carregada de estereótipos negativos. Para essas discussões, iremos nos apoiar em Foot Hardman (2009), onde o autor mapeia a produção literária sobre a região em fins do XIX e início do XX e aponta que a centralidade marcante é narrar a região como sendo de natureza violenta e destruidora, com humanos rudes e marcados pelo meio; em Isabel Guillen (2006), quando a autora aborda aspectos sociais, políticos e econômicos das diásporas de “nordestinos” para a Amazônia brasileira em fins dos séculos XIX e início do XX; em Ana Pizarro (2012), que aborda o universo literário e cultural amazônico pelo viés das múltiplas vozes narradoras. Por fim, em Luciana Murari (2009), que apresenta o período que vai da ruptura com o romantismo até ao início do movimento chamado de modernismo brasileiro. É nesta tradição do realismo-naturalismo que o autor Carlos de Vasconcellos se insere ao querer objetivamente tratar do trabalho humano, da exploração dos seringueiros e da natureza hostil vivenciada pelos imigrantes. São vidas humanas e não-humanas que ocupam um mesmo ambiente-mundo, mas vista pelo autor em oposição intrínseca nas suas inter e intra-relações.

**Palavras-chave:** Romance. Natureza. Acre.

**Abstract:** The book *Deserdados, romance da Amazônia*, launched in 1921 by the writer Carlos de Vasconcellos, narrates the arrival of a migrant from Ceará to work in the rubber plantations of the then Federal Territory of Acre, in the Amazon. The images presented by the author are of a descent into hell in the forest permeated by dangerous animals, hostile Indians, rivers populated with beast. Immigrants arrive fallen by hunger and in search of survival in this environment. Me are narrated as disinherited from God and trapped in the Amazon “green hell” by the droughts of the “sertões” of Northeast Brazil. We propose here to dialogue with this look of the author’s Euclidean tradition in his

<sup>1</sup> Doutor em Historia (UFPR) e professor dos Programas de Pós Graduação em Letras: Linguagens e Identidade (PPGLI/UFAC) e Ensino Profissional de História (PPGEPH/UFAC).

work, where the focus of the discussion will be around the discursive constructions that present the Amazonian region full of negative stereotypes in the plot. For these discussions, we will rely on Foot Hardman (2009), where the author maps the literary production about the region at the end of the 19<sup>th</sup> and beginning of the 20<sup>th</sup> centuries and points out that the main centrality is to narrate the region as being of a violent and destructive nature, with rude and marked humans in between; in Isabel Guillen (2006), when the author addresses social, political and economic aspects of the diasporas of “Northeasterners” to the Brazilian Amazon in the late 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries; in Ana Pizarro (2012), which approaches the Amazonian literary and cultural universe through the perspective of multiple narrator voices. Finally, in Luciana Murari (2009), which presents the period that goes from the break with romanticism to the beginning of the movement called Brazilian modernism. It is in this tradition of realism-naturalism that the author Varlos de Vasconcellos inserts himself in wanting to objectively deal with human work, the exploitation of rubber tappers and the hostile nature experienced by immigrants. They are human and non-human lives that occupy the same world-environment, but seen by the author in intrinsic opposition in their inter and intra-relationships.

**Keywords:** Novel. Nature. Acre.

## INTRODUÇÃO

A obra aqui apresentada para discussão é de autoria do engenheiro, jornalista e escritor Carlos Carneiro Leão de Vasconcellos, nascido em 1881 e que ao concluir seu curso de engenharia em Recife no ano de 1899, seguiu para a Amazônia no intuito de trabalhar como agrimensor na abertura e demarcação de seringais na região dos rios Purus e Iaco, localidade que a partir de 1904 inclui grande parte do Departamento do Alto Purus, no Território Federal do Acre. Em 1902 ele seguiu dali para o Rio de Janeiro onde complementou seus estudos na Escola Politécnica e posteriormente retorna mais uma vez ao Acre onde atua novamente na agrimensura e como militante da autonomia acreana junto com alguns proprietários nos Departamentos do Alto Juruá (Cruzeiro do Sul) e do Alto Purus (Sena Madureira), cuja maioria era de pessoas com quem ele já tinha trabalhado e mantinha laços de amizades. Nesse período escreveu alguns manifestos em favor da “causa acreana” em jornais do Rio de Janeiro, de Manaus e em livros pouco conhecidos como: *As terras e propriedades do Acre* (1905); *O Acre e os acreanos - impostos e anexação* (1906); *O Estado do Acre* (1906); *Pró Pátria* (1908)<sup>2</sup>.

Carlos de Vasconcellos é o narrador onisciente do livro *Deserdados*, escrita que é fruto de suas vivências na Amazônia acreana no final do século XIX e início do XX.

---

<sup>2</sup> Estas informações foram obtidas do site *História do Ceará* <<https://bit.ly/2QdjH93>>, que remete como fonte original dos dados a obra *1001 cearenses ilustres* (1996), de autoria de F. Silva Nobre.

No decorrer da obra é possível perceber as influências e intertextualidades com escritos de autores antecessores como Euclides da Cunha (*A margem da história*, 1909), Rodolfo Teóphilo (*Paroara*, 1899) e Alberto Rangel (*Inferno verde*, 1908). Na apresentação da edição de 1921 ele diz que os seus manuscritos originais foram concluídos em 1905 e roubados em Manaus no ano de 1909, levando-o nos anos subsequentes a ter que (re)escrever novamente toda a obra.

De maneira imodesta e grandiloquente Carlos de Vasconcellos afirma que nesse seu livro ele conseguiu “refazer em linhas originalíssimas, a vida amazônica” que os autores citados acima “apenas esboçaram” tenuamente. No caso de Rodolfo Teóphilo ele afirma que este desconhecia a Amazônia por não tê-la palmilhado em nenhum momento da sua vida; o português Alberto Rangel embora tenha vivido na Amazônia e Euclides da Cunha viajado pela região por algum tempo, Vasconcellos diz que o período em que ambos permaneceram ali não os permitiu “delatar suas causas essenciais” (VASCONCELLOS, 1921, p. 05/06). Isso denota uma preocupação desse tipo de escrita em intentar descrever o “real” e o “verdadeiro” das relações humanas e históricas existentes de forma objetiva, mesmo quando se tratam de textos ficcionais em que seus autores buscam se ancorar na realidade histórica e social (MURARI, 2009).

Carlos de Vasconcellos se insere nessa literatura *amazonialista* como uma das vozes que narram o mundo dos seringais a partir de um conjunto de pressupostos já arraigados. Segundo Ana Pizarro (2006), essas vozes são de três tipos: as narrativas dos barões caucheiros/coronéis de barranco; de intelectuais que a partir de algumas experiências elaboram registros de cunho ficcional, documental e ensaístico (PIZARRO, 2006, p. 31) e dos “de baixo”, indígenas e seringueiros, que são os registros mais escassos devido a tradição oral, e não a escrita, marcar os indivíduos desses grupos sociais. Para a autora citada, a importância das vozes desses intelectuais é que “Leerlos es observar la mirada crítica y percibir la emergencia de la voz que denuncia” (PIZARRO, 2006, p. 35). Em Vasconcellos há denúncias variadas em relação às condições de trabalho nos seringais, de doenças inclementes, da natureza opressora, da falta de salubridade e da ausência da legalidade estatal regulando as relações sociais hierárquicas e autoritárias.

Em *Deserdados* temos a centralidade da figura do cearense Teodozio que migra para o Acre com a ânsia de melhorar de vida através de seu futuro trabalho como seringueiro. Ele é um imigrante do interior do seu estado natal, lugar que seria marcado pela aridez provocada pelos verões rigorosos e o sol causticante que trazia angústia e

escassez alimentar aos que habitavam então aqueles sertões. Há um mundo de excessos e de faltas. Um dos excessos nesse ambiente é o da claridade, conforme descrição presente no capítulo inicial intitulado *Sob o sol do Ceará*. Luz em excesso, que provocava “terror e delírio fantástico” (VASCONCELLOS, p. 11) nos habitantes do sertão. O sertanejo em geral então sonha e cultiva a esperança perene da chegada da chuva para irrigar a terra e subverter em si os humores negativos que lhes impregnavam os verões rigorosos.

As chuvas, prenunciadas com o aparecimento do céu nublado apontam — nessa narrativa — para a chegada das águas que umedecem o solo e fazem brotar as plantações de cultivares que permitem a sobrevivência dos animais domésticos, das pessoas e trazem de volta a fauna silvestre que havia sumido na estação anterior. Essa é a imagem chave que o autor constrói sobre os sertões cearenses de onde migra a personagem central do romance chamado Teodozio, um sertanejo acostumado a ler com maestria aquela natureza que o cercava, mas ela o expulsa para outras paragens desconhecidas.

Ele é um sujeito oriundo de um lugar descrito como sendo marcado pelos ciclos erráticos de chuvas e secas, onde estas últimas variavam periodicamente com suas intensidades rigorosas frente às fugazes chuvas. Mesmo em tempo de chuvas, o sertanejo genérico da obra seria marcado pelo pensamento futuro da escassez e da inclemente luminosidade, quando até os pássaros sumiam com seus cantos descritos como alegres. Com o desaparecimento da vida silvestre no verão, restaria ao sertanejo também ir para longe do lugar agourento como faziam antecipadamente as aves de arribação. A direção escolhida era muitas vezes o ambiente de paisagem oposta: a Amazônia, soturna, úmida e tropical.

É esse ambiente narrado como volúvel e desesperançoso dos sertões claros e secos que deserda homens, mulheres e crianças e os obriga a partirem para a floresta tropical de cor escura, sombreada por árvores imensas, com ares úmidos e aura misteriosa. São esses imaginários sobre a Amazônia que atraem pelos “tezoiros decantados pelos ‘paroaras’, o leite suculento da borracha, que vale oiro e dá felicidade e fortuna” (VASCONCELLOS, p. 17). Ou seja, aos sertanejos despossuídos dos interiores chegavam narrativas carregadas de atrativos e que atiçavam os imaginários daqueles que nada tinham a perder se aventurando em busca de uma vida melhor em outro ambiente natural de características bióticas opostas.

Na narrativa do romance, a viagem para a Amazônia é quando começa o enredamento nas teias diabólicas que aprisionam o futuro seringueiro em dívidas que se avolumam constantemente. A passagem paga por um agenciador (paroara) no “bojo de um imundo navio” (VASCONCELLOS, p. 25) se transforma em um dos primeiros grilhões da “escravatura financeira”, numa clara proximidade com o que foi expresso por Euclides da Cunha em seu celebre texto de alguns anos antes e chamado de *Impressões gerais* (Cunha, 2000). Essa intertextualidade aponta para a influência e herança do autor de *Os sertões* em muitos escritores que trarão em suas obras a complexa região Amazônia e seus componentes naturais como cenário privilegiado (HARDMAN, 2009), como é o caso de Carlos de Vasconcellos e os antecessores que ele quis superar em “realismo”.

A partir de Manaus ou Belém, há uma nova etapa da viagem para os altos rios da Amazônia e a alocação do migrante em um seringal sob o domínio de um patrão, algo que amplia sua servidão por dívida a ser abatida com trabalho futuro e infundável. Uma obrigação que nunca acaba porque se avoluma com as compras periódicas de mercadorias superfaturadas no barracão<sup>3</sup> do seringal, cuja matemática financeira esse sujeito retratado geralmente como analfabeto não entende. Em *Deserdados* o patrão é chamado de “extorquidor” do “pobre diabo” que é o seringueiro, sempre mostrado como vitimado pelas relações abusivas sobre as quais não tem nenhum poder para mudá-las.

De forma geral, temos um Vasconcellos mergulhado nos adjetivos sobejamente já utilizados em escritos antecessores. Ele através do narrador alude a “selva purgatório”, a “floresta maldita”, marcada pela “soturnidade verde” ou o “antro verde” e “inferno verde”, num claro diálogo com os três escritores que ele diz não conhecer a Amazônia tão bem quanto ele. Um aspecto interessante é que Carlos de Vasconcellos também se põe no romance através de seu alter-ego chamado Costa Vitor, um engenheiro agrimensor, *doutor*, migrante cearense que chega à região dos vales dos rios Purus e Iaco para trabalhar medindo as posses de novos seringais.

Costa Vitor é descrito em *Deserdados* como alguém “muito jovem, platônico e sonhador” naquele “antro de feras” que é a Amazônia dos seringais. O termo “feras” alude de forma mais incisiva sobre os humanos destituídos de valores éticos e morais

---

<sup>3</sup> Misto de sede administrativa e armazém de provisões de um seringal. Sua descrição arquitetônica, funcional e estética aparece em muitos autores. Entre eles, destaco o escritor Mário Guedes com sua obra *Os Seringais: pequenas notas* (1920, p. 93 e ss).

naquele ambiente mostrado como de ganância e sem regras. Interessante perceber que a personagem do engenheiro tem as iniciais do próprio escritor em seu nome: CV, de Costa Vitor, que ao conhecer a vida dos seringueiros através de suas histórias contadas em rodas de conversas, se enche de comiseração pelos “conterrâneos” explorados pelos gananciosos patrões emulados na pessoa de Avelino Chagas. Costa Vitor é apresentado na obra como alguém que carrega uma luz de racionalidade naquele meio de pessoas apontadas como ignorantes e exploradas, sendo então alguém que consegue perceber com acuidade as relações tenebrosas ali existentes e que enredam todos no embrutecimento coletivo.

Por nenhum modo podia Costa Vitor contribuir para que aqueles heróis, domadores da natureza selvagem e vítimas da ferocidade dos aviadores - aqueles verdadeiros pioneiros do progresso brasileiro – fossem espoliados por uma forma tão indigna! Devia falar-lhes com franqueza e admiração (VASCONCELLOS, p. 92).

Era ainda um homem que causava “fascinação comunicativa” por onde passava e na citação acima, o alter ego do autor se coloca como alguém que tem a obrigação de abrir os olhos dos espoliados, chamados por ele de heróis e domadores da “natureza selvagem” da Amazônia acreana. Há uma clara atribuição de uma posição heróica e denunciadora das condições de trabalho nos seringais acreanos. Algo já realizado por Euclides da Cunha em seu texto *Entre os seringais* de 1906.

#### A VIDA NOS SERINGAIS E A “CONQUISTA” DO ACRE

A chegada de Teodozio na Amazônia é narrada pela perspectiva do estranhamento da personagem em relação ao meio natural. De antemão, a mata provoca “terror” ao recém-chegado que durante algum tempo irá viver na condição de “brabo”, pessoa não ambientada ao espaço natural e social, desconhecadora das regras humanas e dos ritmos da natureza. A começar pelos sons diferentes emitidos pela diversidade faunística que lhe era desconhecida de antemão nos primeiros tempos de chegada. Os sons noturnos de macacos, sapos, ratos-coró, jacarés, tucanos e outros bichos formam segundo o narrador uma “polifonia esdrúxula” aos de “fora”. Teodozio aprende desde

logo que o uso do fogo é essencial para espantar mosquitos, onças e cobras que rondam às proximidades da sua dormida improvisada e local da futura barraca<sup>4</sup>.

Mas alguns sons são conhecidos pelo “brabo” Teodozio, como é o caso do pio da Coruja branca (Suindara). Sua leitura do som emitido pelo pássaro é realizada a partir dos valores e conhecimentos que ele carrega desde o seu local de origem e assim, o pássaro tomado de antemão como agourento traz o anúncio de alguma desgraça iminente e fatal.

Solitário, esse homem que na narrativa literária é tido como carregado de superstições, acredita que seu fim está próximo e o perigo viria fatalmente das matas escuras e misteriosas que o cercavam. Ele então,

morreria pois de desgraça, esmagado pela queda de uma árvore gigantesca, ou fígado pelos aborígenes, sinão envenenado pelos reptis... Mas si era inútil temer a fatalidade, por isso que o seu destino estava de antemão escrito, melhor fôra por o coração ao largo e buscar defender a vida com intrepidez e galhardia, a todo o preço, para cair antes como um homem do que feito um maricas! Os índios poderiam comel-o, mas o preço da sua carne ser-Ihes-ia caríssimo e na mesma moeda pagaria qualquer outro inimigo que viesse enfrental-o a peito descoberto (VASCONCELLOS, p. 42)

Os medos originados em Teodozio a partir do “aviso” da coruja chamada popularmente de “rasga mortalha” são aqueles descritos como os mais comuns em um conjunto de narrativas variadas que emergiram desde os primeiros cronistas europeus que andaram pelos trópicos: indígenas selvagens e antropófagos, que junto com a fauna e flora traiçoeira formavam a tríade temida pelos conquistadores chegados de outras terras (UGARTE, 2009). Esse é o olhar etnocêntrico dominante em narrativas ficcionais, historiográficas, memorialísticas, relatórios oficiais e reportagens da imprensa que predominam até os dias de hoje e formam o que alguns autores chamarão de *amazonialismo* (ALBUQUERQUE, 2017) ou *amazonismo* (PIMENTA, 2015).

Em contexto mais amplo, no ensaio *O Brasil não é longe daqui*, Flora Sussekind (1990) aborda também a pretensa busca de uma singularidade brasileira e nos diz que:

se é problemática essa fundação de uma imagem original, singular, de Brasil, é igualmente difícil olhar para a paisagem brasileira real, que lá está de fato, quando o ponto de vista a ser adotado para fitá-la é pré-

---

<sup>4</sup> Tapiri ou barraca era a casa de morada do seringueiro, esta moradia ficava situada em uma clareira composta de um território maior chamado *colocação*, que era uma unidade menor do seringal cedida a cada seringueiro para sua exploração pessoal e subordinada ao *patrão*. Ver, entre outros, Mário Guedes (1920, p. 108-109).

dado, quando o modo de vê-la se acha previamente determinado por toda uma série de crônicas, relatos, notícias, romances, por uma sucessão de miradas, estrangeiras ou não, que lhe demarcam os contornos, tonalidades, sombreados (p. 32).

Em Vasconcellos temos um autor que não se desprende dessa perspectiva; pelo contrário, submerge com ímpeto carregado de pré-noções, pré-conceitos e lugares comuns já sedimentados para elaborar as tramas e descrições de paisagens e relações humanas de seu romance carregado de *amazonialismo/amazonismo*.

Pela imaginação e voz solitária de Teodozio, a Amazônia acreana que ele passa a conhecer é em algumas passagens o purgatório, um lugar de trânsito ligeiro, o espaço não definitivo de onde ele vai partir em algum momento futuro. Noutros momentos mais frequentes, torna-se a representação perene do inferno terreal, um lugar de sofrimentos, de medos e onde se terá fatalmente um fim aterrorizante. Contudo, ao amanhecer o primeiro dia após sua chegada no local da futura barraca de morada, o clarão do dia é de esperança para o migrante cearense, de renovação do desejo de trabalhar e enricar para dali sair o mais rápido possível em direção à terra natal ou outras paragens menos malvistas que a Amazônia. A luminosidade tem um sentido inverso àquela que domina os sertões cearenses, pois traz alento e possibilita ver o lugar estranho que vai sendo descortinado pelos clarões do sol ao amanhecer o dia.

Mas a esperança de enricar ou ao menos pagar as dívidas era algo cada vez impossível para Teodozio, pois as seringueiras já estavam esgotadas devido a intensa exploração havida nas décadas anteriores. E ele mal alimentado, adoecido e alquebrado pelos ataques das picadas de piuns, ferradas das formigas tucandeiras e choques elétricos dos peixes poraquês, sofre os inconvenientes da fauna local que ele desconhecia. Paralelo a isso, a dívida de Teodozio no barracão do seringal só crescia pelos artifícios malandros do seu patrão Adelino Chagas, homem descrito no romance como um explorador cruel de seringueiros nos confins do Rio Iaco, na região do Departamento do Alto Purus no Acre Federal.

Alem das (des)aventuras individuais das muitas personagens presentes em *Deserdados*, a figura do seringueiro como personagem anônimo e coletivo é alçado à condição genérica atribuída em particular também a Teodozio. Cada um deles, solitariamente ao longo do tempo, internados em seringais, fizeram e fazem o “amansamento” do deserto malgrado as dificuldades, privações e explorações que sofrem. São chamados de “titãs das secas”, elevados ao patamar de heróis



desconhecidos e encerrados em dois coletivos identitários: no laboral de “seringueiros” e no gentílico de “cearenses”.

No romance de Carlos de Vasconcellos, a “conquista” do Acre é fruto do ímpeto do cearense e de ações multifacetadas não dirigidas pelo poder estatal. Se em Euclides da Cunha temos o sertanejo, na escrita de Vasconcellos temos o “cearense”, sujeito coletivo mais específico e que carrega o gentílico de uma unidade da federação brasileira. São os filhos de um estado afetado pelas constantes secas e que realizavam a colonização do Acre à gandaia, sem regramentos oficiais.

Os “cearenses”, e não os “nordestinos” ou “sertanejos”, são elevados à condição de heróis coletivos e anônimos dessa “conquista” e incorporação do Acre ao Brasil. O cearense na pena de Vasconcellos se torna uma figura superior àquela do bandeirante paulista na construção da nacionalidade (proto)brasileira em séculos anteriores. Eles são os “titãs das secas”, como são apresentados e adjetivados na obra desse autor. Longe da “natureza madrasta” do Ceará, o retirante só se salva da “mefítica da Amazônia por causa da têmpera rija de sofredor” (VASCONCELLOS, p. 31). Mais uma vez temos a aproximação com a famosa sentença de Euclides da Cunha, de que o sertanejo é acima de tudo um forte e que na Amazônia realizou uma seleção natural invertida (CUNHA, 2000, p. 150). Titã sofredor, que carrega no corpo as marcas das dores, da fome e das doenças que lhes alvejavam também a alma e os tornavam, sem saberem, heróis da pátria brasileira.

Esses migrantes que vão chegando ao “Inferno verde” são chamados pelo autor de “mais vítimas para o holocausto ou mais torturas para a tempera glorioza desses fortes da pátria” (VASCONCELLOS, p. 38). A pátria descrita nessa passagem remete em particular ao alargamento do território brasileiro com a chamada conquista do Acre. Geralmente essa “conquista” é narrada em sentido duplo: da ocupação territorial de terras estrangeiras por migrantes que passam a explorar o látex retirado basicamente de seringueiras nativas desde a segunda metade do século XIX. O outro sentido, de caráter mais bélico e da opção objetiva de ser brasileiro, se refere ao embate militar entre brasileiros e bolivianos que redundou na anexação do Acre ao Brasil por meio de um Tratado bilateral em 1903.

Para Carlos de Vasconcellos, a odisséia dos “sertanejos cearenses” nas terras acreanas é algo superior e incomparável à obra de conquista e alargamento territorial realizada pelos bandeirantes coloniais. Esses dois “tipos” são mostrados pelo autor como sendo aqueles que nutridos de ímpeto e coragem se lançam em aventuras que

lograram ao Brasil a ampliação de suas fronteiras. As duas narrativas são alçadas à condição de feitos patrióticos na formação inicial e final do Brasil como nação. O bandeirante paulista é apontado como aquele que “desbrava” terras salubres, bem situadas topograficamente e com favores da coroa portuguesa. A saga tardia do “sertanejo cearense” é superior porque foi realizada em uma “zona tórrida”, região “infecta” e explorada em impostos por “governos vandálicos” da Bolívia e do Brasil (VASCONCELLOS, p. 90).

Diz ele então que “foi assim que uma plêiade de cearenses valerosos (*sic*) pervagou as matas vírgens do Alto-Iaco, abrindo vastíssimos piques e aceiros que, á feição de parentezis imensos, abraçavam a area por eles dezejada como própria” (*Idem*, p. 91). Terras aparentemente vazias, vistas como sem donos e propícias a conquista, ocupação e direito de propriedade daqueles que irão “abrir” seringais para exploração dos seus recursos naturais e dos sujeitos pobres tornados força de trabalho perene atrelada às dividas do barracão.

Na narrativa da obra *Deserdados* a “terra acreana” aparece como “recém libertada da Bolívia por uma plêiade de brasileiros inolvidáveis” (*Idem*, p. 65). Os cearenses são então elevados à identidade maior, alçados a condição de patriotas que lutaram contra o opressor estrangeiro.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior afirma que essas narrativas sobre os intrépidos, corajosos e heroicos nordestinos foi uma forma das elites nordestinas se contraporem a uma narrativa historiográfica emanada no IHGB desde o século XIX, em que predominou a narrativa da conquista do território nacional como obra do bandeirante português/paulista. A chamada conquista do Acre é então a oportunidade dessa narrativa regionalista do Nordeste *inventado* então emergir, algo que em grande medida passa a ser feito por intelectuais cearenses, de onde provinha boa parte desses migrantes que se dirigem para a Amazônia. Então, os intrépidos nordestinos/cearenses ganham ares épicos e heroicos em romances, livros e jornais variados em fins do século XIX e o período subsequente (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 125).

## DOENÇAS, HIGIENE E ALIMENTAÇÃO

As narrativas sobre o ambiente hostil, suas insalubridades e micro-organismos causadores de doenças são realçados em boa parte do romance escrito por Vasconcellos. Já na viagem, o ambiente das embarcações que transportavam os futuros seringueiros é mostrado como sendo inadequado ao ser humano. Animais como bovinos e muare, mal alimentados, “fitirizados” e “mezenteiros” são transportados na terceira classe, onde também viajavam os passageiros mais pobres e onde não parecia haver distinção entre humanos e animais. É dali que brotavam ares descritos como fumarentos, quentes e úmidos provenientes das caldeiras a vapor que consumiam toneladas de madeiras que serviam de combustível aos infundáveis navios e gaiolas<sup>5</sup> que singravam os rios da Amazônia. Essas “árvores de rios” eram os caminhos naturais que serpenteavam as florestas ricas em seiva branca do látex que assanhava o desejo de riqueza daqueles que subiam os altos rios para se embrenharem nos seringais.

O corpo é descrito como atacado também pelos micro-organismos que infectavam a alimentação a base de enlatados com prazo de validade geralmente vencido, de charque podre e farinha mofada que causavam doenças como beribéri, escorbuto e ainda alguns problemas intestinais. Mas, “são brabos e precisam acostumar-se cedo” a essas adversidades, “justificam os patrões” (VASCONCELLOS, p. 29) em tons de hipocrisia naturalizada. Ao longo do trajeto, quando era verão, diz o narrador que havia compras de Pirararucu seco, mixira de Peixe-boi e Tartarugas que complementam a alimentação de bordo das embarcações. Mas eram então alimentos mais caros e que consumidos pelos passageiros das primeira e segunda classes que podiam pagar por esses “luxos”.

Essa pouca higiene a bordo realçada no romance como fator agravante de diversas doenças adquiridas via alimentação oral, também era complementada pela apontada crônica fragilidade do organismo depauperado por doenças contraídas antes da partida pelo sertanejo/cearense combalido. O trajeto fluvial próximo da floresta também é um fator significativo em relação a saúde dos passageiros, pois das matas saiam

---

<sup>5</sup> Na época em que é ambientado o romance, essas embarcações eram de madeiras e movidas a vapor. Variavam de tamanho e estrutura, mas geralmente tinham na parte mais baixa o espaço das caldeiras, lenhas, cargas, animais e até comportavam pessoas que viajavam pagando os preços mais baratos. No espaço intermediário era o lugar onde se viajava com redes atadas e, na parte superior, havia os camarotes onde viajavam as pessoas que podiam pagar os preços mais caros.

enxames de piuns e carapanãs que atacavam os passageiros diuturnamente e “deformalhes a cara macilenta em mascara de lázaros” (VASCONCELLOS, p. 29).

Diante desse quadro tenebroso, muitos homens e animais morriam antes de chegarem aos seus destinos finais. Os animais mortos eram então jogados nas águas fluviais e serviam de alimentos aos bichos da fauna aquática amazônica. Já os humanos tinham rituais mais dignos e eram enterrados nas margens do rio por onde transitaram pela última vez. Já na ante-sala do antro de ganância que era o seringal, as poucas posses dos mortos que tinham algum valor eram apropriadas pelo patrão/agenciador para minimizar suas perdas de lucros com os braços a menos a serem explorados.

Para “cura” e “prevenção” de malária, o romance traz a estratégia usada pelos padrões para ludibriar e espoliar ainda mais “brabos” e “mansos” que se encontravam em viagens com destinos aos seringais: cigarros artesanais com um pouco de fécula de mandioca que se vendiam como sendo extrato de quinino. Tabaco e goma tornavam-se fonte lucrativa de negociantes inescrupulosos que faziam de tudo para endividar seus trabalhadores ditos rudes e ignorantes através das estratégias de logro no mundo dos seringais, apontado como sem lei e sem ética.

Os emigrantes sobreviventes, idos buscar no Ceará, ficam como refém para o pagamento integral de tudo e, escravos, sem outra prerrogativa que a de obedecerem, são quanto antes empilhados em batelões e distribuídos pela vastidão do seringal, para a infatigabilidade do preparo já tardio da borracha. Outras levas vão, com os comboios de muares, pelas tortuosidades dos caminhos de penetração, aos remotos centros da propriedade, isolados entre si de muitas léguas, á labuta terrível da indústria extrativa contra as hostilidades mezolójicas (VASCONCELLOS, p. 37).

A imagem do cearense, tornado seringueiro, carrega então as cores fortes do abandono e da exploração desmedida. Ele é alguém desafortunado diante de um mundo em que não conhece a fauna local, a flora tropical, o regime climático das águas e nem as regras de convivência com os outros humanos nesse novo espaço mesológico. Teodozio torna-se de repente um sujeito a mercê dos clichês mais recorrentes sobre a região: presa fácil das feras da floresta e das pragas diminutas, sem abrigo para morar porque terá que construí-lo com o material que a floresta oferece. Mas ele terá ainda que conhecer o ambiente, localizar e apreender a tirar madeiras boas para os alicerces, esteios, palhas de ubi para cobertura e paxiúbas para assoalhos e paredes da futura morada.

Em um desses momentos de entrada na floresta desconhecida que Teodozio é atacado por uma infinidade de formigas taxi, ao de maneira desavisada retirar da floresta uma árvore inadequada para o madeirame da sua cabana carregada desses pequenos insetos, cujas ferradas provocam febres, dores lancinantes, coceiras e inchaços corporais. É nesse espaço estranho e em um casebre construído a duras penas por ele mesmo, que Teodozio começa a trabalhar no seringal de seu patrão Adelino Chagas, homem descrito como um famigerado explorador de seringueiros.

Sua dieta alimentar é detalhada como de baixo teor nutricional, má qualidade de consumo e quantidade insuficiente para repor as calorias necessárias ao organismo de quem labutava cotidianamente nas estradas de seringa e em outras tarefas correlatas na sua colocação de morada, conforme narrado abaixo.

Mourejava o dia inteiro, deixando sobre o girau da barraca, ao fogo, izolado por uma camada de tabatinga, uma panela de feijão com um pouco de toucinho boiar com cartilajens de jabá ardido, e enveredava pela sombria floresta apenas forrado de café e raro do “chibé” - reles sopa de água açucarada com farinha d' água (VASCONCELLOS, p. 47).

A descrição do trabalho realizado por Teodozio como intenso aparece em romances diversos e obras de cunho historiográfico. Euclides da Cunha, influência sólida nesta escrita de Carlos de Vasconcellos, já havia sentenciado em tom de denúncia que o seringueiro era um homem que trabalhava para se escravizar (CUNHA, 2000, p. 127). Para o seringueiro devedor do barracão, racionar a caríssima alimentação retirada periodicamente no barracão era uma forma de não avolumar a sua subordinação por dívida ao patrão seringalista.

Além do mais, havia a impossibilidade de se adquirir produtos frescos e, se conseguisse, mantê-los próprios ao consumo por longos períodos em locais distantes dos centros produtores. Restava às populações amazônicas se alimentar de enlatados e carnes secas e salgadas, alimentos que tinham alto teor de sódio e quando estragados provocavam outras doenças nos organismos de quem os consumia. Até mesmo as carnes de caças tinham que ser consumidas rapidamente ou salgá-las para maior durabilidade.

Essa observação dietética em caráter mais sociológico e em tom de denúncia foi reverberada por Euclides da Cunha quando andou pela região acreana em 1905. Diz o afamado escritor que para além da decadência orgânica e do isolamento desse

seringueiro, sua alimentação “que é a base mais firme da higiene tropical, não lhe fornece, durante largos anos, a mais rudimentar cultura. Constitui-se, ao revés de todos os preceitos, adstrita aos fornecimentos escassos de todas as conservas suspeitas e nocivas, com o derivativo aleatório das caçadas” (CUNHA, 2000, p. 153).

Essa passagem acima é do seu famoso opúsculo intitulado *Um clima caluniado*, em que ele faz uma defesa das condições climáticas salubres do Acre e remete para o aspecto alimentar os problemas mais graves de saúde existentes na região. Essas questões já faziam parte dos discursos de muitos médicos sanitaristas especializados em “doenças tropicais”. Carlos Chagas, que coordenou uma missão sanitária do Instituto Oswaldo Cruz aos seringais acreanos nos anos de 1912 e 1913, vai alertar para o problema da má alimentação com produtos enlatados estragados e da falta de higiene da população como um problema que facilitava a emergência de muitas doenças na Amazônia (SOUZA, 2014).

É diante dessa realidade atravessada por carestias, má e insuficiente alimentação dos produtos comestíveis disponíveis no barracão do seringal de Adelino Chagas, que Teodozio resolve buscar na floresta proteína animal e produtos vegetais para a sua alimentação cotidiana. Essa mudança de atitude nos indica que ele já tinha incorporado um conjunto de conhecimentos sobre a fauna e a flora do local em que habitava. Já não era mais um “brabo”, e sim um “manso” nas florestas do Acre.

Isso porque ele,

devassou a floresta, á cata da caça arredia e dos frutos alimentícios, na ancia de comprar menos no barracão e então pagar, com a minguada borracha fabricada o seu debito, para poder subir no primeiro «gaiola» para mais férteis seringaes. Fez provizão de bacaba, assai e patauá, amontoou popunhas e assim reduziu as compras no barracão ao assucar, café, farinha, feijão, tabaco, querozene e sabão, com a máxima sobriedade: e rejubilava-se á certeza de ir pairar num desses fabulescos seringaes do Acre, onde a seringueira verte um dilúvio de leite ao ponto do trabalhador carecer de carregaI-o em saco impermeável (VASCONCELLOS, p. 53).

Teodozio se transforma em um caçador e coletor florestal, que se movimenta com traquejo de alguém ambientado ao espaço antes desconhecido e temido. A necessidade o fez procurar se abastecer do que a floresta oferecia para sua dieta alimentar, que já não era mais totalmente dependente dos produtos caros e de má qualidade oferecidos pelo seu patrão. Ele adquire o que o escritor Abguar Bastos (1987) vai classificar de “estranhas formas de se alimentar na selva”, cuja ancestralidade do

conhecimento indígena sobre a fauna, a flora, as técnicas de caça e preparo de alimentos foi fundamental para a sobrevivência dos “brancos” e mestiços que durante séculos de conquista colonial foram se estabelecendo na região e mesclando seus saberes com outros saberes, seus sabores com outros sabores.

Nesta passagem do romance nos é apresentado um Teodozio que já não quer ir embora da vida nos seringais do Acre, como inicialmente desejara. Seus planos mais imediatos são saldar suas dívidas com Adelino Chagas e partir para outro seringal mais produtivo, em busca de um novo e mítico *eldorado* onde ele espera encontrar um patrão menos explorador e conseguir algum dinheiro que o possibilite retornar ao Ceará como homem que *venceu* nos seringais vistos cada vez mais como espaços diabólicos.

Essa é a construção mais intensa em *Deserdados*, onde temos uma natureza amazônica descrita como instável, desordenada e surpreendente ao elemento humano que nela chega. São intensos os traços totalizante de um ambiente social e físico que causava doenças variadas, que provocava o isolamento humano, instituía o nomadismo que obrigava o constante desenraizamento das pessoas sempre movidas por cobiças e desejos perenes de partir do *inferno verde*.

## INDÍGENAS, CABOCLOS E A BARBÁRIE

Na obra de Vasconcellos encontramos uma gama de referências desairosas em relação aos indígenas que brotam das vozes do narrador e de outras personagens que compõem a trama do livro. Indígenas das etnias Canamaris, Ipurinãs, Maneteneris, Catianãs e Paumaris aparecem ao longo da escrita, no glossário da obra e são ditos como habitantes da bacia do Rio Purus. De maneira geral, essas tribos indígenas aparecem ao longo do texto romanesco em descrições ligeiras e carregadas de estereótipos negativos em muito já consolidados à época em diversas narrativas.

Em trabalho recente, o antropólogo José Pimenta (2015) diz que ainda hoje no Acre e outras localidades da Amazônia os indígenas continuam sendo vistos por muito através da lente de múltiplos estereótipos. Eles são geralmente “considerados ‘não civilizados’, quando não são simplesmente equiparados a animais, são alvo de uma saraivada de adjetivos depreciativos como: sujo, bêbado, preguiçoso, traiçoeiro etc” (*Idem*, p, 214). E em referencia a outro pesquisador diz que “esses preconceitos produziram a identidade estigmatizada do índio como ‘caboclo’, isto é, um índio que ‘se

vê com os olhos do branco” (OLIVEIRA *apud* PIMENTA, p. 214) ou que passa pela ideologia do branqueamento.

Indígenas “puros” e “caboclos” aparecem em muitas passagens da obra *Deserdados* em atividades subalternas, são gentes sem futuro, fadadas ao desaparecimento físico e cultural. As mulheres indígenas só aparecem como corpos capturados para o amasiamento ou ao sexo forçado com os homens “brancos” agentes da conquista. As pessoas identificadas como “caboclas” são pertencentes a um terceiro campo, que não é o do indígena e nem o do “branco”. São vistas como semi-civilizadas, não plenamente integradas porque trazem sangue indígena. Já são deslocadas da indianidade mas não inseridas nos valores e mundo da branquitude.

O termo “caboclo” é algo polissêmico e carrega sentidos históricos de ordem social, racial e geográfica. A antropóloga Deborah Lima, em um artigo intitulado *A construção histórica do termo caboclo*, nos diz que:

Na região amazônica, o termo caboclo é também empregado como categoria relacional. Nessa utilização, o termo identifica uma categoria de pessoas que se encontra numa posição social inferior em relação àquela com que o locutor ou a locutora se identifica. Os parâmetros utilizados nessa classificação coloquial incluem as qualidades rurais, descendência indígena e “não civilizada” (ou seja, analfabeta e rústica), que contrastam com as qualidades urbana, branca e civilizada (LIMA, 1999, p. 07).

Cabe observar, como aponta a própria autora, que os usos coloquial, relacional e social do termo caboclo não podem ser entendidos como homogêneos e distintivos. Como ela bem aponta, esse adjetivo é uma abstração que serve para “estabelecer diferenças entre pessoas numa sociedade” (LIMA, p. 08). Na obra de Carlos de Vasconcellos, cabocla é aquela pessoa que tem pai ou mãe indígena ou que vive desde muito pequena entre os brancos após “captura”/saída das aldeias e adquiriu os hábitos dos seus algozes e se tornou/se acha mais branca que índia. Complementando esse entendimento, Bessa Freire nos apresenta o caboclo como aquele indígena puro ou mestiçado que vive nos espaços urbanos amazônicos e só fala a língua portuguesa (FREIRE, 2011, p. 184/185).

Numa das subidas do Rio Purus, uma comitiva de seringueiros (entre outros, Teodozio), um engenheiro agrimensor (Costa Vitor) e um patrão seringalista (Jenserico) encontram indígenas da tribo dos canamaris, que ao se depararem com as músicas tocando em um gramofone desse grupo de “civilizados” colonizadores, “os selvajens



inaniam de assombro” (VASCONCELLOS, p. 84), olhavam para o aparelho de forma “atoleimada” em busca de um cantor cairu [*branco*] em miniatura dentro da máquina musical. E a tomarem cachaça oferecida pelos viajantes, começam então uma “folia grotesca das dansas das malocas” (*Idem*, p. 85). Uma descrição semelhante sobre o assombro causado pelo gramofone entre populações amazônicas foi relatada pelo padre Jean- Baptiste Parrissier quando ele navegava pela região do Juruá em 1898. Ele conta que em determinado momento da viagem pôs para tocar músicas e os passageiros da terceira classe do gaiola, “estes infelizes subiam uns nos outros para ver, escutar e, se fosse possível, tocar esta máquina enfeitiçada que ri, fala, canta e chora como um caboclo” (PARRISSIER, 2009, p. 12). Indígenas e caboclos são apresentados em ambos os autores como pessoas distanciadas da civilização e dos seus signos, sintetizados no exemplo do gramofone, tornando-se objetos de galhofas pelo aspecto étnico e cultural pelos *Outros* que lhes eram antípodas.

Em *Deserdados* os indígenas que habitam a região das bacias dos rios Iaco e Purus não tem nenhum protagonismo histórico, fazem parte mais da natureza, de uma condição pré-civilizada e sem nenhum atributo de beleza, de faculdades criativas e de engenhosidade. Essa é a primeira impressão que tem Teodozio quando em um determinado dia chega ao terreiro de sua colocação uma menina que ele presume ter cerca de oito anos de idade. A primeira vista ele “supoz ser uma índia da asqueroza tribo dos Paumaris” (VASCONCELLOS, p. 55). Mas depois a criança contou ser de origem cearense e morar com seu pai em uma colocação localizada em um seringal vizinho nas margens do Rio Ituxi. O motivo de ela estar ali foi devido ter se perdido muitos dias antes na mata após se esconder de um homem estranho que visitou sua barraca durante a ausência do seu pai, quando este saiu para realizar trabalhos nas estradas de seringa.

Se os indígenas da etnia Paumari são “asquerosos”, os indígenas Ipurinãs são apresentados como raivosos e assim se justifica o ataque contra eles realizado pelo seringueiro chamado Doroteu, que em tons de “bravata e façanha” conta em determinado momento a uma platéia de ouvintes, em que estavam presentes Teodozio e Costa Vitor, ter matado a tiros de escopeta dois indígenas dessa tribo.

Em outra passagem da obra, o narrador traz uma cena de bebedeira em uma colocação e realça com cores do preconceito a situação de um senhor que participava daquela reunião: “só o índio velho, com o rizo alvar da cretinice, sapateava agora no terreiro da barraca, á surdina, rosnando incompreendidos sons das malocas, ao ritmo

binário das festas de sua tribo, dando provas de inesquecido ao cabo de longuíssimos anos de domesticidade” (VASCONCELLOS, p. 196). Haveria então uma latência adormecida de indianidade em um ancião que desde muito tempo vivia entre os ditos civilizados, mas que o álcool acendeu a centelha que consumiu sua “domesticidade” e que fez emergir seu lado “selvagem” em um momento de embriaguez.

Os descritos como caboclos não merecem qualificações lisonjeiras e assim como os indígenas são retratados com menoscabo e depreciação na obra *Deserdados*, tais como sujeitos imbecilizados, viciados em álcool e palermas. No trajeto da comitiva onde estavam Jenseríco, Teodozio e Costa Vitor de subida no Rio Purus na época do verão, há uma descrição acerca da desova de tartarugas nas praias arenosas desse rio. O narrador inicia falando de outros animais que descavavam e comiam os ovos enterrados nas areias e compõem o que ele chama de “fauna famélica”. São jacarés, jaburus, gaivotas, jacurarus, onças e capivaras que aproveitam da fartura às margens do rio. Contudo é o elemento humano o mais destacado no consumo de ovos e caça aos quelônios, principalmente os “caboclos” que colhiam ovos e viravam as tartarugas com o casco para cima durante a noite para pela manhã apanha-las facilmente. Tudo isso regado a parati (cachaça artesanal), onde “caboclos” se embriagam e as “cunhãtas” que os acompanham “vogam [*sic*] em busca de quem as faça de tartarugas e as virem á discreção. E praticam uma saturnal espantosa em plena natureza!” (*Idem*, p. 79).

Mulheres indígenas e caboclas aparecem no livro como troféus sexuais, de exaltada sexualidade, jovens “encapetadas” que despertavam os desejos masculinos dos transeuntes. Doroteu conta a Costa Vitor ser viúvo de uma “caboca que era mió que favo de mel”, indígena que vivia desde criança com seu cunhado em um seringal e morreu de parto ao ter o primeiro filho do casal. Ele mesmo é também descrito e certa altura como “caboclo ladino”, ou seja, esperto, manhoso e astucioso.

Quase no fim do romance, Carlos de Vasconcellos sintetiza as (des)venturas das personagens principais da trama por ele criada.

Teodozio e Costa Vítor, Izaura e Lídia, são os multivagos da desventura, sempre nimbados por um halo de esperança e de amor. Oferecendo no estoicismo um prêmio aos dejetados, cavaram a desgraça da Amazônia, com retardar-lhe o auspicioso vaticínio de centro da grandeza estupenda do planeta (VASCONCELLOS, p. 308).

Além dos já apresentados, temos Izaura e Lídia, a primeira é casada com o cearense Reinaldo, que foi buscar essa “linda, trigueira e jeitoza” conterrânea após

trabalhar como seringueiro e ter saldo para tal façanha. Quando retorna ele resolve mudar de seringal e rumou “com sobrançeria para os confins lonjinhos onde se acoutavam profugos os aborígenes” (*Idem*, p. 216), visando lucrar e voltar com sua esposa para a cidade de Sobral no Ceará. Contudo, na nova e distante colocação Izaura vive em sobressaltos e certo dia sonha com Reinaldo sendo devorado pelos “antropófagos” indígenas Manitineris. Contudo o que lhe ocorre é uma doença misteriosa adquirida logo após uma caçada de Queixadas e que exaure as forças e disposição do homem descrito como trabalhador infatigável. Ele não resiste e morre, deixando a esposa grávida, que logo se casa com o vizinho de colocação chamado Zé Pomada.

Lídia, outra desventurada, é descrita inicialmente como mulher branca, “rapariga seivosa e grácil”, que vive em uma colocação nas margens do rio Iaco com seu pai Inácio Gomes já doente. Ela desperta desejos e olhares de Costa Vitor quando este durante a viagem faz uma parada em sua casa para descanso e preparo do almoço da comitiva. Logo seu pai morre e ela é casada com o seringueiro Damião Torres, indo morar próximo a vila Xapuri onde seu marido residia. A beleza de Lídia continuava despertando interesses masculinos, mesmo ela sendo comprometida, como são notórios nos casos do padre Estanislau e do prefeito de Rio Branco Cláudio Mota, que a conhece quando ela vem na cidade com o marido. Damião passa a ser perseguido pelo prefeito e sem saída abandona o seringal e foge para a vila Floriano Peixoto, hoje Boca do Acre (AM). Em seguida vai para Manaus e, por ciúmes, vai preso ao matar um promotor de justiça que galanteava Lídia insistentemente na capital amazonense.

Como diz o narrador em tons lamentosos, cada pessoa na Amazônia é um “abismo”, uma “fera” que ali projeta os instintos mais agudos do ser humano. É como se houvesse uma regressão “civilizatória” e o lado sombrio de cada um emergisse maculando a todos. As personagens do romance são chamadas de “filhos da dor e educados por dificuldades quazi insuperáveis, eles ora ensinam aos compatriotas qual a grande escola única a ser fundada na enormidade da pátria brasileira” (VASCONCELLOS, p. 309). São brasileiros esquecidos e explorados, distantes da decantada civilização que se almejava encontrar para que o país se redimisse do seu passado e do então presente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carlos de Vasconcellos, nesse misto de sujeito do mundo da engenharia e que se aventura pelo campo literário de vertente realista, empreende uma dupla perspectiva em sua obra. Por um lado ele se coloca com seu alter ego Costa Vitor dentro do romance *Deserdados*; por outro lado ele é o narrador oculto que sombreia toda a trama da obra como aquele que conhece tudo que ali é apresentado e carregado de pretensões realistas ou históricas.

Tal procedimento também se torna usual nas narrativas de viagens que médicos sanitaristas empreenderam pela Amazônia no mesmo período da trama deste romance. Eles foram contratados pelos seringalistas através da Superintendência de Desenvolvimento da Borracha, não visavam apenas debelar as doenças que atacavam os seringueiros e eram vistas pelos proprietários como o problema central da queda de produção da borracha na Amazônia.

Havia por parte de muitos cientistas à época, como o médico Carlos Chagas que era conhecedor dos escritos amazônicos de Euclides da Cunha, um projeto mais amplo de projetar uma nacionalidade brasileira a partir da efetivação da salubridade dos trópicos úmidos. Uma das soluções era a medicina atuar como um saber que ajudaria a debelar um dos problemas que emperravam a possibilidade de desenvolvimento nacional através da mão de obra dos interiores atacada por doenças endêmicas existentes nesses “sertões” do Brasil, onde as atividades agrícolas e extrativistas predominavam.

Segundo Nísia Trindade de Lima e André Botelho em artigo recente, essas viagens de cientistas tinha em comum com outras empreendidas nas primeiras décadas do século XX à Amazônia o fato de se querer interpretar o Brasil a partir da região e discutir a nacionalidade brasileira no contexto tropical. Desta forma, natureza, cultura, clima, populações, relações sociais, atuação do estado, doenças, compõem um amplo panorama do problema – Nação *versus* região (LIMA & BOTELHO, 2014).

Carlos de Vasconcellos é um autor impregnado pelos textos de seus antecessores, sejam eles escritores ficcionalistas do realismo ou aqueles vindos do campo das ciências experimentais, jurídicas ou naturais. A fronteira de separação é muito tênue porque todos de certa maneira se apegam ao objetivismo, ao interesse em intentar traduzir a realidade aos seus leitores em projetos pessoais ou coletivos ligados à busca de compreender/narrar/traduzir o Brasil longínquo dos sertões.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Por uma história acre: saberes e sabores da escrita historiográfica*, pp. 111/134. In: ALBUQUERQUE, G. R.; ANTONACCI, M. A. (orgs.). *Desde as Amazônias – Colóquios*, volume 2. Rio Branco: Nepan Editora, 2014.
- ALBUQUERQUE, G. *Amazonialismo*. In: ALBUQUERQUE, G.; PACHECO, A. S. *Uwa'kürü: Dicionário analítico*. Volume I. Rio Branco – Acre, Editora Nepan, 2016.
- BASTOS, A. *A pantofagia humana ou as estranhas práticas alimentares na selva*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- CUNHA, E. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, 2000.
- FREIRE, J. R. B. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.
- GUEDES, M. *Os seringas: pequenas notas*. Rio de Janeiro: J. R. dos Santos, 1920.
- GUILLEN, I. C. M. *Errantes da selva: história da migração nordestina para a Amazônia*. Recife: EdUFPE, 2006.
- HARDMAN, F. F. *A vingança da hiléia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- LIMA, D. M. *A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico*. *Novos Cadernos NAEA*, número 2, volume 2, pp. 05-32. Belém, 1999.
- LIMA, N. T. & BOTELHO, A. *Dois viagens amazônicas e o espectro de Euclides da Cunha: malária e civilização em Carlos Chagas e Mário de Andrade*, pp. 139-178. In BASTOS, E. R.; PINTO, R. F. (orgs.). *Voices da Amazônia II*. Manaus: Valer/Edua, 2014.
- MURARI, L. *Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- PARRISSIER, J. B. *Seis meses no país da borracha, ou excursão apostólica ao Rio Juruá, 1898*, pp. 01-60. In: CUNHA, M. C. (org.). *Tastevin, Parrissier: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.
- PIMENTA, J. *O amazonismo acriano e os povos indígenas: revisitando a história do Acre*. *Amazon: Revista de antropologia*, num. 07, volume 2, pp. 327-353. Universidade Federal do Pará. Belém, 2015.
- PIZARRO, Ana. *Voces del seringal: discursos, lógicas, desgarramientos amazônicos*. *Literatura y Lingüística*, núm. 17, pp. 29-48. Universidad de Santiago. Santiago, 2006.
- PIZARRO, A. *Amazônia: as vozes do rio*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2012.
- SOUZA, S. R. G. *“Desnervados, desfibrados e amarelos” em busca de cura: saúde pública no Acre Territorial (1904/1930)*. Tese de doutorado. Programa de História Social – FFLCH, USP. São Paulo, 2014.
- SUSSEKIND, F. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.
- UGARTE, A. S. *Sertões de bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas na Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI/XVII*. Manaus: Valer, 2009.
- VASCONCELLOS, C. C. L. *Deserdados*. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1921.

Data de recebimento: 31/05/2020

Data de aprovação: 10/12/2020